



Catarina Felix numa imagem de "Pele" onde a nudez e o grito de um corpo retorcido

# Romântico me confesso

Rompe-se a "Pele" e fica o corpo a nu no novo espetáculo de Miguel Moreira

Texto **Claudia Galhós**

**E**u sou realmente um neorromântico", diz Miguel Moreira, em conversa com o Expresso sobre o espetáculo que esta semana vai ser estreado no Teatro São Luiz, em Lisboa. Desde os anos 90 que o teatro, muito físico, que Miguel faz com a sua estrutura Útero é alimentado de intensidades, de excessos. Em finais de 2013, esse aspeto não mudou. "Há um certo exagero de emoção que quero pôr nos espetáculos"; diz-nos. Mas há algo que se alterou quase radicalmente. Com "Pele", Miguel já não tem qualquer pudor em chamar ao que faz "dança", de-

pois de tantos anos identificado como encenador e com toda uma história de formação e percurso profissional ligado mais ao teatro.

"Pele" é um espetáculo no feminino. Para o ano, avisa, vai fazer um no masculino. Mas nada é assim tão simples. O elenco é composto por quatro mulheres. Quero dizer... há duas gerações de dança representadas pela mais jovem Catarina Félix e a mais madura Sandra Rosado — que, aliás, é irmã de Miguel Moreira e que pela primeira vez entra como intérprete num espetáculo do irmão —, há a pianista Joana Gama, que desconstrói a sua técnica

de piano clássico para uma outra relação física, guerreira, com o piano, e há Regina Fiz... O que dizer de Regina Fiz? É um nome artístico, e o resto deixamos à imaginação. Há homens nesta criação. Há a música de Pedro Carneiro. E depois há o olhar cúmplice, mas crítico, do reconhecido criador

## PELE

de Miguel Moreira  
Teatro Municipal São Luiz,  
Lisboa, de 18 a 22

belga Alain Platel e do bailarino Romeo Runa — o magnífico intérprete de "The Old King" (2011), o solo cocriado entre Romeo e Miguel e interpretado pelo primeiro. A este seguiu-se uma peça para crianças, "Europa". Agora, em "Pele", há elementos que vêm destas obras. Do primeiro, o corpo invertido, retorcido, "um corpo que não consegue ter uma verticalidade, que está sempre virado do avesso"... E há o "Europa" e o corpo que procura adaptar-se a uma situação que lhe é estranha e não consegue.

"Pele" fala de inadaptação, que é algo que sempre esteve presente na obra do Útero: "Sempre questionámos que lugar é este e se era o nosso, se é este o nosso mundo?" O espetáculo foi sendo criado, com tempo, em cinco espaços culturais diferentes e em três países. A primeira fase aconteceu no estúdio S3 dos Les Ballets C de la B, de Alain Platel, em Ghent, na Bélgica. E num desses momentos de experimentação a que o coreógrafo belga assistiu, deixou uma questão ao grupo: "Porque é que este espetáculo é uma negação de tudo? De uma pianista que não toca, de uma mulher que se descobre que é homem, de bailarinas em imagens de sofrimento... Porque é tudo retorcido? E os intérpretes aceitam isso? E, se sim, porquê?" Três imagens e afirmações que marcam "Pele" são a do grito, a da nudez e a do feminino como marca guerreira. "O grito é o que nos resta. Não são as palavras. Ou quando são as palavras elas surgem com uma força que nos soa a grito ou manifesto." A nudez é habitual nas peças do Útero. Aqui não surge como provocação. É um despojar de todas as máscaras e uma expressão natural do ser. "A nudez não é um problema. Continuo a achar uma imensa beleza num corpo de um bailarino que se mexe à procura de alguma coisa, uma imensa fragilidade que me agrada." Uma das primeiras questões que colocou à irmã, bailarina, no início da criação, foi: "O que ficou no teu corpo passados estes anos todos, depois de teres dançado com pessoas tão importantes da história da dança, que o Ballet Gulbenkian deu-te essa oportunidade?" Nessa pergunta está o valorizar de uma história que atravessa o corpo, que é o mesmo que dizer que atravessa a pessoa e a sua história íntima, e é essa batalha de procurar o que está fundo no corpo que surge como grito guerreiro nestas mulheres que fazem a "Pele" do novo espetáculo de Miguel Moreira. ▴